

[APRESENTAÇÃO]

Horizontes em movimento

Arlindo Souza Neto¹

A Revista **Monxorós**, em sua quarta edição, reafirma-se como um espaço plural de produção e circulação do conhecimento em Ciências Sociais e Humanas. Este número apresenta artigos, ensaio, resenhas e experimentações textuais que, em conjunto, traduzem a riqueza, a diversidade temática e a maturidade intelectual que vêm caracterizando a revista desde sua criação. Mais do que apresentar resultados de pesquisas isoladas, este volume convida o leitor a um diálogo interdisciplinar e crítico sobre as transformações sociais, políticas e culturais que marcam o Brasil contemporâneo e o mundo globalizado.

O nome **Monxorós**, escolhido para a revista, evoca as raízes do Nordeste, resgatando a memória de um espaço social onde tradição e modernidade se entrelaçam. Assim como o povo que inspirou seu nome, a revista busca ser um fluxo de ideias, um canal de trocas que ultrapassa fronteiras disciplinares e geográficas. Nesse sentido, esta edição reafirma

¹ Sociólogo, Mestre e Doutor em Antropologia pela UFPE, docente da UFRPE e do PPGCICH da UERN.

um compromisso fundamental das Ciências Sociais: pensar o social a partir de múltiplas vozes, perspectivas e temporalidades.

A quarta edição é um marco não apenas pela continuidade do projeto editorial, mas também por refletir um momento de consolidação e expansão. A revista se firma como espaço de diálogo entre pesquisadores de diferentes áreas, promovendo um debate que não se restringe ao ambiente acadêmico, mas que pretende contribuir com a compreensão dos desafios sociais e culturais que atravessam a vida cotidiana. Em um contexto marcado pela velocidade da informação, pelo avanço tecnológico e pelas disputas de narrativas, publicações como **Monxorós** reafirmam a importância do pensamento crítico e da reflexão sistemática.

Este número se organiza em quatro eixos principais, cada um representando uma faceta do vasto campo das Ciências Sociais. No conjunto dos artigos, encontramos análises que vão desde questões educacionais e identitárias, passando por reflexões filosóficas e éticas, até investigações sobre a organização escolar e a inclusão. Esses trabalhos revelam como a pesquisa social pode dialogar com problemas concretos da sociedade, sem renunciar à profundidade teórica e metodológica que caracteriza a produção acadêmica.

O primeiro artigo, "Entre a Inimizade e a Concórdia", de Lara Passini Vaz-Tostes, propõe uma leitura filosófica das fábulas, explorando o potencial dessas narrativas como ferramentas de reflexão ética. Em um momento histórico de intensas polarizações políticas e culturais, esse texto resgata a importância das histórias tradicionais como instrumentos de sabedoria coletiva, conectando autores como Nietzsche, Lévinas e Ricoeur a uma reflexão sobre a convivência humana.

Outro destaque é o artigo "O ensino e a afirmação da identidade de estudantes negros", que examina o papel da escola na construção identitária de jovens negros em Mossoró, articulando narrativas autobiográficas, políticas públicas educacionais e um olhar crítico sobre o racismo estrutural.

A pesquisa contribui para a compreensão do impacto das políticas de educação antirracista e da Lei 10.639/03, mostrando como o espaço escolar pode ser tanto um ambiente de exclusão quanto de afirmação e resistência cultural.

A temática dos direitos indígenas também se faz presente no artigo "A questão indígena no Brasil", que oferece uma análise histórica e contemporânea das violações de direitos sofridas pelos povos originários. Ao relacionar colonialismo, disputas territoriais e políticas atuais, o texto ressalta a urgência de uma abordagem crítica e informada no campo do Serviço Social, destacando a importância da defesa dos direitos indígenas como parte central da questão social brasileira.

A discussão sobre inclusão educacional aparece de forma contundente no artigo "O papel da gestão escolar na efetivação do Atendimento Educacional Especializado". Este estudo reforça o papel estratégico da gestão escolar na implementação de políticas de inclusão, mostrando como o diálogo entre teoria e prática é essencial para garantir o acesso à educação de qualidade para todos os estudantes. Ao trazer dados de pesquisas recentes e diretrizes da política educacional, o artigo oferece subsídios relevantes para gestores, professores e formuladores de políticas públicas.

Além dos artigos, esta edição apresenta um ensaio provocativo de Marcelo Barboza Duarte, que, a partir de um olhar atento para o cotidiano brasileiro, discute identidade nacional, relações internacionais e cultura política. O texto revisita conceitos clássicos das Ciências Sociais, como o "homem cordial" de Sérgio Buarque de Holanda, articulando-os com reflexões contemporâneas sobre neocolonialismo, xenofobia e desigualdade. O ensaio reafirma o papel do pensamento crítico como ferramenta para entender as contradições do presente.

A seção de resenhas complementa o debate ao trazer análises de duas obras que, embora distintas, convergem na abordagem de temas urgentes.

A resenha do livro "Desejos Digitais", de Richard Miskolci, oferece uma reflexão sociológica sobre a sexualidade na era digital, explorando como novas tecnologias moldam comportamentos e relações afetivas. Já a análise de "Psychopathology", de Friedel Reischies, apresenta uma visão detalhada da psicopatologia contemporânea, integrando perspectivas clínicas e neurocientíficas. Ambas as resenhas ilustram a diversidade temática da revista e sua abertura para o diálogo com outras áreas do conhecimento.

A experimentação textual, representada pelo texto "Reisado itinerante", de Marcus Venicius Filgueira de Medeiros, reforça a proposta editorial da Monxorós de acolher linguagens inovadoras. O trabalho mistura história oral, performance e pesquisa sociopoética para narrar a experiência do Reisado como expressão cultural viva, reafirmando a importância do folclore nordestino na construção das identidades regionais e na preservação da memória coletiva.

Essa diversidade de formatos e temas reflete um compromisso da revista com uma concepção ampliada de ciência. Em vez de se limitar a modelos rígidos de produção acadêmica, **Monxorós** reconhece a importância da interdisciplinaridade, do diálogo entre teoria e prática e do resgate de saberes populares e tradicionais. Essa postura editorial está em sintonia com o papel social das Ciências Sociais: compreender o mundo em sua complexidade, sem perder de vista a dimensão humana que dá sentido ao conhecimento.

Historicamente, as revistas científicas foram instrumentos essenciais na construção da comunidade acadêmica. Desde os primeiros periódicos do século XVII, como o "Philosophical Transactions" da Royal Society, até as publicações atuais, as revistas têm funcionado como espaços de validação, disseminação e debate científico. No entanto, no cenário contemporâneo, marcado por transformações tecnológicas e pelo acesso ampliado à informação, as revistas acadêmicas precisam assumir um papel ainda mais ativo. Não se trata apenas de registrar descobertas, mas de criar pontes entre

academia e sociedade, promovendo um conhecimento que dialogue com os problemas concretos do mundo.

Nesse contexto, a Revista **Monxorós** se coloca como uma iniciativa inovadora ao valorizar produções que transitam entre diferentes linguagens, sem abrir mão do rigor acadêmico. Ao mesmo tempo, a revista assume uma responsabilidade regional, atuando como vitrine para pesquisas produzidas no Nordeste, sem se restringir a ele. Esse equilíbrio entre local e global, particular e universal, é uma das marcas desta publicação e um de seus principais diferenciais.

A quarta edição chega em um momento crucial para o debate público sobre ciência e cultura no Brasil. Em um cenário de tensões sociais, desinformação e desafios políticos, reafirmar o papel do conhecimento científico é uma tarefa urgente. As Ciências Sociais, em especial, têm um papel estratégico ao iluminar processos históricos, denunciar desigualdades e propor caminhos para uma sociedade mais justa. A **Monxorós**, ao abrir espaço para múltiplas vozes, contribui para esse esforço coletivo.

Outro aspecto relevante desta edição é a presença de textos que não apenas analisam a realidade, mas também a transformam, seja ao valorizar culturas populares, seja ao propor práticas pedagógicas inclusivas. Isso demonstra como a produção acadêmica pode ter impacto direto na sociedade, seja por meio da formulação de políticas públicas, da formação de professores, ou do fortalecimento de movimentos sociais e culturais. Ao mesmo tempo, a presença de resenhas e ensaios evidencia que a ciência também se faz pelo diálogo com a literatura, a filosofia e outras formas de expressão.

A interdisciplinaridade que marca esta edição não é apenas um recurso estético, mas uma exigência do próprio campo das Ciências Sociais. Autores como Edgar Morin têm defendido a necessidade de uma ciência que reconheça a complexidade do real, articulando diferentes saberes para

compreender fenômenos que não podem ser explicados por uma única perspectiva. Nesse sentido, os textos aqui reunidos oferecem ao leitor um panorama que vai do micro ao macro, do cotidiano às estruturas globais, sem perder a atenção ao humano como sujeito central da reflexão.

A revista também se destaca por valorizar a experimentação e a criatividade. Em um contexto acadêmico muitas vezes marcado pela burocratização, a **Monxorós** reafirma que o conhecimento também se constrói a partir da imaginação e da ousadia intelectual. Essa postura está alinhada à tradição crítica das Ciências Sociais, que, desde seus primórdios, buscou questionar estruturas de poder e ampliar horizontes interpretativos. Assim, ao lado de artigos fundamentados em dados empíricos e análises teóricas, este número acolhe textos que apostam em novas linguagens, mostrando que a ciência é, acima de tudo, um exercício de liberdade.

Por fim, esta apresentação é também um convite. Um convite para que o leitor percorra os textos com atenção, permitindo-se afetar pelas ideias, histórias e reflexões aqui reunidas. Um convite para que a revista seja não apenas um repositório de saberes, mas um espaço vivo de trocas intelectuais. E um convite para que pesquisadores, estudantes e leitores em geral reconheçam o papel transformador da ciência em uma sociedade em constante mudança.

Que esta edição da Revista **Monxorós**, ao trazer temas que vão da filosofia à educação, do folclore à neurociência, do cotidiano às redes digitais, sirva como um lembrete da potência criativa das Ciências Sociais. Em um mundo em que o excesso de informações muitas vezes obscurece a compreensão, iniciativas como esta reafirmam que o conhecimento, quando compartilhado e debatido, é uma ferramenta poderosa para construir sentidos, pontes e futuros possíveis.

Boa leitura!